



# Polarização mobiliza eleitorado

**Elevada participação eleitoral e luta até ao último voto é o retrato de uma América profundamente dividida em “duas tribos”**  
**Pedro Bastos Reis**

**A** pesar de terem sido batidos recordes em termos de participação nas eleições presidenciais norte-americanas, o sonho da “onda azul” do Partido Democrata não se concretizou, e a luta renhida até à última entre Joe Biden e Donald Trump veio evidenciar uma América partida em duas que dificilmente poderá ser pacificada no próximo mandato presidencial, independentemente de quem esteja na Casa Branca.

“A ideia de que uma eleição pudessem dar uma vitória esmagadora de um candidato ou de outro nunca foi credível”, diz ao PÚBLICO o politólogo Pedro Magalhães, investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS).

Com os resultados finais ainda a serem apurados, Biden já conseguiu uma votação superior a qualquer outro candidato na história dos Estados Unidos. No entanto, também Trump está prestes a superar essa fasquia, prova de que os eleitores republicanos continuaram fiéis ao Presidente norte-americano.

“Trump demonstrou uma grande resiliência ao longo destes quatro anos e uma grande capacidade em manter o seu eleitorado”, diz Luís Nuno Rodrigues, director do Centro de Estudos Internacionais do Institu-

to Universitário de Lisboa (CEI-IUL).

Olhando para a campanha de Trump, o também professor de História no ISCTE sublinha que o Presidente norte-americano “foi exímio a falar para a sua base social de apoio”.

“Governou durante quatro anos para o seu eleitorado, com as suas causas e preocupações, e consegue manter essa fidelidade”, resume.

António Costa Pinto, coordenador do ICS, destaca igualmente a “impressionante resiliência” de



**Participação eleitoral bateu recordes nestas eleições**

Trump e chama a atenção para a importância da polarização enquanto factor de mobilização. “A maior participação eleitoral foi consequência da polarização, que actuou nos sentimentos do eleitorado dos dois lados”, explica o politólogo.

Nesse sentido, mais do que olhar para falhanços na estratégia da campanha eleitoral de qualquer um dos partidos, que, no entanto, já evidencia, por exemplo, um mau resultado do Partido Democrata entre o eleitorado hispânico na Florida, Pedro Magalhães destaca “a divisão dos Estados Unidos em duas tribos que têm convicções extremamente fortes e negativas em relação àqueles que sentem ser os seus adversários”.

Este fenómeno, explica, deve-se à “concentração geográfica dos apoiantes dos diferentes partidos, que vivem cada vez mais isolados uns dos outros, em partes diferentes do país e às vezes até em zonas diferentes da mesma cidade”.

### Teste à democracia

A polarização, acentuada durante os quatro anos da presidência de Trump, é vista pelos analistas como um teste à democracia e às instituições, como a Câmara dos Representantes, o Senado e o Supremo Tribunal – este último pode vir a assumir um papel decisivo no desfecho do conturbado processo eleitoral.

“O estilo político de Trump, aquilo que ele significa enquanto Presidente, alterou a percepção sobre o funcionamento da democracia americana e até muitos dos seus valores, que fizeram desaparecer a clivagem moral entre o mundo conservador e o mundo democrático”, observa António Costa Pinto, referindo-se ao discurso em que o Presidente declarou vitória, apesar de milhões de votos ainda estarem a ser contados.

“Trump vai agir para minar a legitimidade de qualquer potencial vitória de Biden, alegando que a eleição foi roubada e que ele é que deveria ser o Presidente durante mais quatro anos”, diz ao PÚBLICO David Hopkins, professor de Ciência

Política no Boston College. E acrescenta que “a polarização vai continuar e o conflito entre os dois partidos pode tornar-se ainda maior, caso um grande número de eleitores republicanos e figuras dos *media* conservadores considerarem a provável vitória de Biden ilegítima”.

Sendo de esperar que haja uma recusa do desfecho, se os resultados eleitorais forem favoráveis a Biden – Trump nunca se comprometeu com uma transição pacífica de poder –, é de temer um exacerbar da tensão. Apesar de considerar que um cenário de violência não será o mais provável, Pedro Magalhães admite que existem motivos para alarme.

“Tendo em conta a maneira como o eleitorado americano está polarizado, com sentimentos negativos muitos fortes em relação àqueles que são percebidos como adversários, há razões para temer que haja distúrbios e que este processo não seja pacífico”, alerta o investigador do ICS, que considera que “nenhum presidente, seja ele quem for, conseguirá mudar este fenómeno” de polarização.

Luís Nuno Rodrigues é mais optimista e acredita que Joe Biden e Kamala Harris, comparativamente a Trump, “estão muito mais dispostos a fazer um esforço para sarar as feridas e encontrar compromissos e equilíbrios na sociedade americana”.

Estará o eleitorado de Trump disponível? “Não podemos confundir o eleitorado de um lado e do outro com as franjas mais militantes e radicalizadas, que não estão dispostas a ser convertidas”, responde. “Mas, entre o vasto eleitorado, existe certamente espaço para esses compromissos e equilíbrios”, conclui.

pedro.reis@publico.pt

## Senado escapa aos democratas

As esperanças do Partido Democrata em retirar a maioria republicana ao Senado foram sendo perdidas ao longo da

contagem dos votos. Na Câmara dos Representantes, a maioria mantém-se do lado democrata.

A reeleição da republicana Susan Collins no Maine deitou por terra definitivamente a hipótese de uma reversão da actual maioria na câmara alta. Os democratas esperavam derrotar pelo menos três candidatos republicanos para obter a maioria e Collins era vista como uma presa fácil.

A senadora republicana tinha construído uma imagem de independência, mas uma série de votações alinhadas com a Casa Branca, incluindo a confirmação de dois juizes para o Supremo Tribunal e o voto contra o *impeachment* do Presidente Donald Trump, mancharam essa reputação. Acabou por derrotar a democrata Susan Gideon, presidente da Câmara dos Representantes do Maine.

O Partido Democrata conseguiu derrotar dois senadores republicanos, no Colorado e no Arizona, mas perdeu o representante no Alabama, ficando mais longe de uma maioria. Caso Joe Biden chegue à Casa Branca, pode contar com um Senado hostil. Ao fecho desta edição, os republicanos tinham assegurado 48 lugares contra 47 dos democratas, segundo as projecções.

Na Câmara dos Representantes, os democratas que previam uma “onda azul” nos subúrbios das grandes cidades ficaram desapontados. Os republicanos conseguiram obter mais cinco lugares, mas a maioria mantém-se firme com o Partido Democrata. **J.R.R.**